



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

Literatura



Eugênio de Castro

Horas



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Horas

Eugênio de Castro

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1891.

Livro Digital nº 1087 (Gratuito) - 1ª Edição - São Paulo, 2020.

Ilustração da capa: Félix Valloton.

Poesia - Literatura Portuguesa.

Eugênio de Castro e Almeida
(1869-1944)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ÍNDICE



Prefácio.....	1
Antelóquio.....	13
A Epifania dos Licornes.....	14
Dona Briolanja.....	20
Longe dos Bárbaros.....	25

HORAS



PREFÁCIO

No prefácio das *Poesias Escolhidas* de Eugênio de Castro, publicadas em 1902, tentara eu já caracterizar o seu *simbolismo*. Reconhecendo depois que não lho definira tão completamente como queria, logo me propus fazê-lo na primeira oportunidade. Encontro-a agora, ao vir prefaciá-lhe a nova edição do segundo dos dois livros em que ficou documentada a sua primeira fase de simbolista.

Assinala-se, o seu *simbolismo* como notável exemplo de conciliação entre uma caprichosa fantasia individual, aliada a agudos sentidos de impressionista direto, e uma franca aptidão para a representação da vida em criações de significação genérica, para a transposição da realidade — íntima ou exterior — em valores de gama ideal, para a visão do particular em ampliativas projeções de generalidade.

Concilia realmente os dois mais salientes traços do espírito e da arte deste Poeta: a tendência a encarnar e a traduzir em figuras e imagens do universal humano e físico as suas ideias, sentimentos e impressões, e o segredo de — não se perdendo nelas, transparecendo sempre, como realidade concreta, viva, através dessas personificações abstratas — as não sacrificar também a si próprio; porque se, com efeito, consegue moldá-las a ponto de lhes converter o significado geral num meio de individual revelação (e nisto consiste, em grande parte, o simbolismo) tais figuras mantêm-se-lhe numa autônoma objetividade, subsistem por si mesmas, continuarão a representar — além de quanto exprimam ou deixem entrever do artista — modos de ver e sentir de ordem impessoal, ilimitada, humana.

Isto, conseqüentemente, fora das enleantes condições do espaço e do tempo — a despeito dum ou doutro propositado detalhe onde o tom

local e a nota histórica entrarão afinal mais como subsídio de pitoresco e como elemento de decoração prestigiosa do que como próximo e necessário fator, visto tratar-se de representações e figuras, de aspectos e cenários as mais das vezes animados e revestidos de pura idealidade, de simplificada vida compreensiva, e portanto desligados e independentes de todas as sólidas restrições geográficas, de todas as miúdas particularidades da cronologia.

Tal forma de *simbolismo* — como todas as maneiras de conceber Arte e Poesia — correlaciona-se, porém, com uma acentuada qualidade ou natureza de imaginação, deriva dela; e, assim, será pela segunda que teremos de explicar o primeiro. Ora, quem percorra as obras de Eugênio de Castro não levará muito tempo a notar-lhe essa natureza de imaginação que tudo efetivamente converte, de preferência, em motivo de Beleza — tomada a palavra como indicando certos totais de invenção, unificadores de dispersos aspectos físicos e humanos pela eliminação das diferenças e resultante integração das semelhanças.

Não tardará em registrar que as suas visões se corporizam, na verdade, da harmonia com tal disposição e natureza de representação mental: sob formas e cores e segundo condições de concepção e de realização cuja impressão e efeito de conjunto correspondem aos produzidos por toda essa Arte redutora dos ângulos do real em curvas de imagens sínteses, por toda essa Arte de *composição*, plástica ou verbal, recebida na dupla tradição pagã — antiga e *renascente* —, já pois identificada com a alma ocidental, já tornada para nós a mais legítima medida e aferidor dos valores estéticos. Não tardará em reconhecer que ele é, manifestamente, acima de tudo criador de Beleza — admitido o termo no sentido de qualquer coisa comparável à normal, englobante feição de feições dum busto *típico* da Espécie visto como oposto ao modelado flagrante de *determinada* criatura viva; no sentido de Arte de *estilo* como antagônica com a Arte de *caráter*.

Mas logo reconhecerá também que é essa qualidade de imaginação que — por implicar-lhe a visão das coisas em valores de tal categoria

de Beleza, isto é pela própria natureza genérica das suas concepções — lhe dá aquele poder de as suscitar e contemplar como libertas de si mesmo, como exteriores.

Reconhecerá que a ela deve o Poeta, realmente, a apontada faculdade de *objetivação*, sem prejuízo seu — do esteta e do *homem* — transparecíveis a miúdo, a cada traço, traídos sempre na sensível vida dum linguagem literária e artística tão adequada a dotar de consistência plástica e de graça rítmica essas criações genéricas, a dar-lhes e fixar-lhes existência mítica — devido à íntima ligação originária entre toda a forma de concepção e certo modo de exprimir e compor — como a ferir notas impressivamente pessoais, e a tocar pontos de particularismo.

Reconhecerá, em suma, além do mais, que o *simbolismo* explicável por esta forma de imaginação e seu revelador envolve e implica, mercê de tal poder de *exteriorização* (superior, no nosso Poeta, ao de muitos congêneres) a vantagem de lhe equilibrar a vida interior nessas mesmas representações projetivas dela, visto torná-lo, de algum modo, de *sujeito* em *objeto*; a vantagem de lhe evitar, daí, o excessivo, mórbido interesse do eu, e de lhe atenuar, com o tempo, as intemperanças dum egotismo infantil.

E outra feição se lhe apontará ainda, que com este poder prende: o seu classicismo.

Sim. Uma vez reconhecidos todos esses caracteres e aspectos do simbolismo de Eugênio de Castro e da sua forma de imaginação, achar-se-á, por certo, que lhe apliquei com justiça, no Prefácio das *Poesias Escolhidas*, a designação de *clássico* — na acepção já então indicada, numa das largas acepções de designação tão ampla e maleável.

É *clássico*, com efeito, por essa faculdade de *redução ao universal*, que de certa maneira o distingue doutros espíritos, em cuja psicologia predominam as emoções e ideias ligadas com estados e modos de

ser de atual afetividade, reveláveis à custa de diretos meios de expressão.

É-o pela Estética correlativa de semelhante faculdade, pela maneira de compreender, inventar e amar a Beleza: vendo e sentindo a existência mais sob a espécie de imagens mediatas, de *ideias das coisas*, do que sob a de flagrantes notações do mundo exterior e interior; mas salvando as suas visões e figuras de resultarem meras abstrações suspensas exatamente por lhes poder impor, devido aos nativos dons de imaginação e forma, a graça viva das criações belas vindas naquela nossa tradição literária e artística, dessas criações onde o extensivo, envolvente significado *humano* de cada uma, sem as prejudicar como expressões do real, parece, ao revesti-las de mais latitudinária intenção, ao erigi-las de *casos* em *conceitos*, dotá-las de maior valor representativo, dar-lhes e espalhar delas maior clarão de verdade.

É-o pelas suas qualidades de gosto, de razão, de ordenada harmonia, até pela preferência dada às personagens e figuras nobres e de casta dominadora, ou de raro prestígio estético: quer nos domínios da pura fantasia, quer nos que podemos chamar *pagãos*, quer nos de doce e penumbrosa inspiração cristã; porque num como nos outros revelará sempre aquela faculdade de ideação geral, e usará dos mesmos processos de realização em Beleza; porque será quando as suas figuras melhor cumpram a missão de *arautos universais* que melhor proclamarão também o modo de ver e sentir do Poeta — tanto mais *simbolizado* nelas quanto tudo concebe e visiona, de preferência, como imagem *simbólica*.

É *clássico, finalmente*, pela efetuada tendência de objetivação, acima explicada, e de si salutar, isto é — no espírito em que o divino Goete tomou a palavra quando disse: *chamo clássico o que é são, romântico o que é doentio...*

É claro que só depois de lidas todas ou grande parte das obras de Eugênio de Castro se tornará possível por em relevo e definir as dominantes feições mentais e artísticas do seu *simbolismo*.

Não lograria eu fazê-lo, de certo, com a leitura das *Horas* apenas.

Mas também sem ela o não conseguiria inteiramente, pois que este pequeno livro marca ao rubro com os *Oaristos* — rebelado manifesto do Poeta — as suas primeiras afirmações de simbolista. Representa-lhe parte da fase inicial, e constitui, por isso, um documento de valor na série das suas obras. Integra-se nela.

A propósito das *Horas* e dos *Oaristos*, no Prefácio das *Poesias Escolhidas*, atribuí a orientação estética e a derivada produção simbolista do autor desses livros: à sua fundamental qualidade de *artista*, de espírito sedento do novo, seduzível pela graça decorativa e pelo estranho duma arte diversa e exótica; à sua tendência *universalista*, e conseqüente facilidade na adoção de toda e qualquer inspiração ou tema cosmopolita; e à ação diretamente exercida nele, tanto a isso disposto, pela inovadora geração francesa do momento.

Hoje, depois de lhe haver seguido a evolução através de toda a obra, já tão considerável, teria de modificar aquela nota — justa sem dúvida em relação ao autor dos *Oaristos* e das *Horas*, mas incompleta em relação ao escritor que dele se continuou e desenvolveu, que viria a impor-se (com todo o seu exotismo e estranhos caprichos) mercê de mais larga e cordial concepção da Arte, de mais conciliadores e generosos processos, sem prejuízo dos seus dons de impressionista vivo e das suas exigências de Esteta.

Teria de a modificar ainda no ponto relativo à ação sobre ele exercida pelos artistas e poetas franceses, porque se lhe ampliou muito o campo das influencias estranhas ou antes das sugestões a acolher e aproveitar: sendo para citar talvez, entre todas, a da corrente pré-rafaelita, por um lado, pelo outro a do neogoethismo, sob certos aspectos.

Teria de a modificar sobretudo no tocante à tendência *universalista*; visto que tal tendência — correlativa duma imaginação capaz de representar a vida em Beleza e implicando a aptidão à visão e criação exterior (quer pela apropriação de dadas imagens e figuras à representação de modos de ver e sentir próprios, quer pelo desdobramento destes em encarnações projetivas deles) — havia de vir a fazer desse primitivo *egotista*, cujo *universalismo* só traía, por ventura, mera curiosidade cosmopolita, a par do prurido infantil de a arvorar em lema literário — o espírito equilibrado de agora, tão notavelmente favorecido com a alteração operada na dosagem relativa do seu *egotismo* e do geral interesse *objetivo* das suas obras, o artista, enfim, a quem se poderia aplicar o termo de *clássico*, segundo a acepção definida.

Nem por isso deixou no entanto aquela nota de corresponder de certo modo à verdade.

Trata-se, como digo, duma diversa dosagem relativa, mas não duma substituição de qualidades, duma radical transformação da personalidade do artista.

No fundo — o Poeta é o mesmo; somente na posse de mais amplos recursos, com mais larga visão, dominando mais abertos horizontes.

Já daqui se infere que não passou de todo o interesse deste pequeno livro, apreciável sobretudo como documento e indício, afora alguns detalhes de pura Arte.

Reveste mais do que um simples valor histórico.

Mas, além da importância que possam ter tido como revelação de tendências naturais do Poeta e de influencias por ele recebidas, as *Horas* tornaram-se e mantêm-se ainda interessantes sob um tríplice ponto de vista: pelas determinantes e condições do seu aparecimento e efeito; pela sua contribuição para certas inovações da nossa técnica literária; pelos aspectos especiais que nesta obra revestem aquelas mencionadas tendências do autor — artista feito

de singularidades suas e exemplar representativo de gerais modos de ver e sentir, vivo reflexo de vários sinais do tempo.

Devem interessar-nos, as *Horas*, sob aquele primeiro ponto de vista — como complemento do revoltado gesto dos *Oaristos* — porque nos reavivam o caso, repetido mas curioso sempre, do artista moço que, seduzido pela flor de novidade duma advinda teoria e forma de Arte, obedece ao natural impulso de a propagar e que, envaidecido da sua missão de porta-lábaro, lança mão de tudo para desempenhar tal missão, sublinhando a vermelho cada passagem intencional a fim de a impor e de se impor vitoriosamente.

Devem interessar-nos porque se, no caso especial deste artista (à parte a graça preciosa de algumas das suas páginas) documentam uma excessiva preocupação de originalidade, que o arrasta por vezes ao grotesco, um intuito fixo de inédito, uma constante premeditação de exibição pessoal — tudo talvez de envolta com maliciosas ideias de reclame — vieram também, dadas as condições e qualidades do meio, revelar-nos no autor notável faro e instinto dos recursos a unir para triunfar em tal meio, a clara consciência de que só a foguetes de extravagância, a golpes de imprevisto irritante, ou mesmo a passes de mistificação lograria despertar a dormente indiferença e prender a atenção inconstante de gente tão capaz de continuar surda e cega às coisas belas, como de embasbacar — rindo, embora, ou embaçando — perante os caprichos pirotécnicos de todo o fantasista hábil, em qualquer campo.

Devem interessar-nos, assim, porque, explicando-nos em parte o facto de o Poeta ter *vencido* e podido prosseguir numa gloriosa marcha, firmada a obras de crescente beleza e encanto, vieram implicitamente acentuar-nos um real aspecto da nossa psicologia.

Devem interessar-nos, sob o segundo ponto de vista porque, registando — a par de invenções do Poeta — muito daquelas influencias exóticas nele confluídas e dele irradiadas, contribuíram, no campo da nossa técnica literária: para o rejuvenescimento de formas estróficas arcaicas, para a libertação e elastecização da

métrica no caminho de mais variados e ricos efeitos — do verso e da frase — para a adaptação, à literatura, de novos elementos decorativos, de novos recursos musicais e rítmicos, de novas imagens picturais.

Devem interessar-nos, sob o terceiro ponto de vista, porque resumem e precisam realmente algumas das tendências e aspectos do Poeta — entre outros, três, que ressaltam logo de outras tantas notas da abertura, dessa sinfonia-programa onde se encontram os fios mestres de todo o livro.

Complicadas decorações de legenda velha mantelando o pudor dos episódios simples — escreveu o Poeta, repetindo-o adiante, como ilustração ao poemeto *Dona Briolanja*.

E quem, lendo estas palavras, não descobrirá, afinal, através delas um dos aspectos e tendências do espírito do autor — não só do autor dos *Oaristos* e das *Horas*, mas do das obras subsequentes? Não estará nelas afirmado, em grande parte?

Por certo não será indiferente, nem como artista nem como homem, ao que uma ação ou episódio simples envolva de impressivo — de trágico, de emocionante.

Mas exigirá sempre que tal episódio ou ação revistam singular prestígio estético: nas roupagens ou na nudez — quer delicada quer magnífica das figuras — no cenário ou nos acessórios; que, fora destas condições — e quando ainda se lhe recomendem pelo seu puro valor de motivo dramático — a graça ou nobreza das atitudes e movimentos das personagens, a prosódia e o ritmo de quanto digam e de quanto o Poeta por elas ou delas diga lhe façam desse episódio ou ação uma obra d'Arte.

Poderá uma ou outra vez inventar e produzir em condições diferentes; pois nada ao talento é defeso.

Só, porém, estará no seu verdadeiro terreno quando nele o artista em tudo se imponha ao homem.

Dado o intuito e natureza das *Horas*, acha-se bem natural que aquele — o artista — se revelasse aqui em palavras cujo tom e feição nos trazem à ideia *filacteras* de manuscritos góticos e iluminuras de evangeliário.

Não seria contudo difícil provar que esta nota das *Horas*, havendo correspondido e correspondendo a certa modalidade do artista, admite muito mais largo sentido: o da compreensão de qualquer caso da vida como convertível sempre numa nova forma de Beleza.

Parece-me também que as duas linhas onde se encontra a segunda das notas a salientar: *preces dum herege arrependido, votos castos dum antigo libidinoso, pesadelos e irreligiosas hesitações dum recente convertido* não refletiram apenas um geral estado de espírito do momento, uma situação psicológica comum a muitos *requintados da simplicidade* para quem os domínios do espiritual místico, dos segredos litúrgicos, dos mistérios simbólicos se abriam como refúgio das almas e da Arte ante a complexa brutalidade da existência real e o brutal realismo da literatura corrente — mas revelavam ainda uma outra natural tendência do Poeta: a tendência à visão e compreensão *antitética* das coisas. É da *antítese*, da oposição entre situações ou modos de ser seus, entre aspectos ou qualidades postas em relevo que melhores efeitos consegue. Demonstrá-lo-iam diversas passagens do *Sagramor*, e viriam confirmá-lo outras das suas melhores obras, onde a luta, no fundo, se trava as mais das vezes entre a Arte e a Vida, e onde o artista — acentue-se — transparece sempre na solução do conflito, pois sempre a Arte lhe sairá vencedora, quando mais não seja na forma de o solver.

Leia-se, enfim, esta frase da abertura:

Tal a obra que o Poeta concebeu longe dos bárbaros, cujos inscientes apupos, — tal não é de esperar, — não lograrão desviá-lo do seu nobre e altivo desdém de nefelibata.

Desconte-se-lhe tudo quanto contém de envaidecidamente pueril, de impertinentemente desdenhoso, de preciosamente repuxado; arranque-se-lhe o epíteto *nefelibata*, tornado de encomiástico em pejorativo mal o adotaram e popularizaram; fixem-se-lhe apenas as palavras *longe dos bárbaros*, por ele mesmo sublinhadas.

Verificar-se-á que ainda aqui o prólogo das *Horas* feriu uma das suas cordas vivas — refletindo a moral da sua Estética, de então e de hoje, como as duas precedentes refletiam, uma a sua dominante tendência de artista, a outra a sua natural maneira de ver e pôr em jogo os dados da obra de Arte.

Pois, admitindo que a Arte por tudo deva interessar-se (salvas sempre as preferências de cada artista) não a considera daí território a todos aberto, quer para realizarem, quer para apreciarem ou explicarem.

Aceitará que o seja — mas como um largo domínio onde todos poderão caber, a título de assunto, e não como um império onde a todos seja permitido dominar.

Isto, porque os elementos colhidos da vida só se aglutinam e combinam num vivo composto de Arte mercê precisamente de peculiares qualidades de elaboração criadora, e dum especial poder de concentração, que o artista possui e faltam aos outros; sendo ainda condição indispensável para o êxito da obra e sua independência em frente de quantos o rodeiem.

A sua simpatia por esta ou por aquela ideia, o seu interesse por este ou por aquele tipo ou figura, a par a predileção por estes ou por aqueles aspectos de natureza, não envolvem a concessão de que qualquer criatura humana — aproveitável para *modelo* e *tema* — ou de que qualquer coletividade delas possam intervir na sua vida e na sua obra a sugerir-lhe pontos de vista, a criticar-lhe processos, a discutir-lhe intuítos.

Isso é para os *raros apenas*, para os congêneres, por missão ou identidade d'alma — conhecidos ou desconhecidos; só para aqueles em quem o Poeta por ventura pensa quando cria, embora sempre crie, afinal, pela pura necessidade de criar.

Sucedará, sem dúvida, que a *coletividade* se interesse pela obra de arte em certas condições e sob certos aspectos.

Mas dar-se-á isto: ou quando ela confunda a Arte e a Vida — no campo dos primitivos e fundamentais sentimentos humanos; ou quando, episodicamente, uma passagem da obra de Arte lhe corresponda a uma situação aguda da existência; ou quando se sirva de formas e expressões artísticas, como de emblemas significativos e de motos, com intenções manifestamente estranhas à Arte, quando desta se sirva como dum *meio* em vista de qualquer *fim* prático, social, político.

Fora destes três casos, só olhará a Arte como objeto de mero passatempo, e só dela verá e apreciará o que ela apresente de exterior, e, por via de regra, de inferior; há de preferir, em geral, as complicadas exibições do falso gosto às linhas sóbrias e certas do verdadeiro, o melodramático ao trágico severo, a sentimentalidade ao sentimento, a eloquência fácil à revelação profunda.

Ora, no primeiro dos três casos apontados, andaré ela fora do campo da Arte exatamente pela confusão dada, que lhe determinará estados de exultação ou de depressão, quando o efeito próprio da obra artística é sempre a *elevação* da tonalidade psíquica no segundo caso, a impressão da obra de Arte será ainda apenas reforçativa da real modalidade d'alma correspondente à situação dada, e, como tal — *mais* e *menos* do que artística; no terceiro caso pode dizer-se que já se não trata de Arte, e sim da sua exploração ou profanação.

Explicando, portanto, que o nosso artista tenha da Arte tal concepção e sentimento aristocrático — numa larga significação do termo — e reconhecendo que a terceira nota por mim transcrita da abertura das *Horas* corresponde e corresponderá sempre a uma das

suas feições dominantes — deverei agora acentuar os efeitos de semelhante sentimento e concepção.

Resultam deles: para a sua Obra — uma nobre e altiva independência na ideação e nos processos; para o Poeta — passados, com os verdores da mocidade, os pruridos da extravagância e os exageros *egotistas* — o inquebrantável respeito, de salutar exemplo, por todas as formas do Ideal e da Beleza; para o Homem — reflexo, neste, do artista — uma constante aspiração de perfeição pessoal, paralela às exigências do Esteta, uma ambição de *elegância moral* cada dia realizada com maior evidencia, através todos os passos da vida.

Tudo isto se colhe do fundo das curtas frases transcritas, dia a dia confirmadas como dísticos proféticos.

Justifica-se, pois, que eu lhes haja desdobrado o conteúdo em tão longos períodos.

E também me será por certo relevado que eu tenha aproveitado o ensejo deste prólogo para tentar definir alguns dos principais aspectos do Poeta, enquanto lhe não consagro o desenvolvido trabalho crítico exigido pela sua obra — já tão vasta como bela.

MANUEL DA SILVA GAIO
Coimbra, 28 de junho de 1912.

ANTELÓQUIO

Silva esotérica para os Raros apenas:

abertas as eclusas, corvetas, como catedrais flutuantes, seguindo inéditos itinerários por atlânticos virgens;

terraço ladrilhado de cipolino e ágata, por onde o SÍMBOLO passeia, arquiiepiscopal, arrastando flamante simarra bordada de Sugestões, que se alastra, oleosa e policroma, nas lisonjas;

concerto de adequadas músicas implorativas ou morosas, raro estridentes;

complicadas decorações de legenda velha mantelando o pudor dos episódios simples;

preces dum herege arrependido, votos castos dum antigo libidinoso, pesadelos e irreligiosas hesitações dum recente convertido.

Tal a obra que o Poeta concebeu *longe dos bárbaros*, cujos inscientes apupos, — tal não é de esperar, — não lograrão desviá-lo do seu nobre e altivo desdém de nefelibata.

E, se DEUS TODO PODEROSO lhe der gênio e saúde, para breve novas colheitas.

Coimbra, janeiro de 1891.

A EPIFANIA DOS LICORNES

*E como para se lucrarem as
muitas Indulgências, que são concedidas
aos que praticam este Santo
Exercício, é precisa a contemplação
dos seus respectivos Mistérios,
devem eles estar bem patentes aos
olhos da Alma.*

Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento.

Kyrie eleison, Christe eleison!
Lua deitada, marinheiro a pé...
Lua deitada, marinheiro a pé...
Kyrie eleison, Christe eleison!

Ó toda vestida de lhama, e luciolante de pedrarias,
Ó sempre em meio das sororais polifonias
Dos burcelins, das nubélias gementes, das violas,
Ó sempre insinuante e virginal entre os turíbulos acesos,
Derramadora de eucarísticas esmolas,
Estrela dos Mareantes, das Orfandades e dos Presos,
Consoladora dos que tombam do andaime
Da Ilusão, Santa Maria, Mãe de Deus, auxiliai-me!
A minha Mocidade tem cabelos brancos:
Sou o menino que, uma noite, os Saltimbancos
Roubaram; sou o Lis à janela dum palácio em fogo,
E a Noiva lirial numa casa de jogo.

Que é dos idos esplendores
dos Soes mortos: noivados
profanos em relvas de pastoral,
vinhos cascadeantes,
ombros ninfais, caravelas
auriflamadas buscando
quiméricas Américas?

Tive puníceo manto que era, no chão, puníceo azeite;
Adaga temperada em Nuremberg,
Em cujo punho uma safira, entre opalas de leite,
Era uma tulipa azul em Spitzberg.

Tive falcões e falcoeiros,
E nas de pórfito varandas
De meu castelo, arrabileiros
Tocavam, resplendentes de opalandas;
Tive castelo de granito,
Granito róseo de Siena,
Tive taça d'âmbar do Egito,
E colchão d'escolhida pena;
Tive leito de faia (tal Salomão), sob cortinas
D'áureos tissus,
Por cobertas, flexuosas popelinas
E colchas tecidas com fios de luz;
Anões em seda alva de jaspe,
De meu castelo no átrio mudo
Sobre as lisonjas de diaspe,
Erguiam caudas que eram rios de veludo;
Balsamirando o manso ar,
Em de cobre babilônicas caçoilas.
Fumegavam resinas do Madagáscar,
Do fogo entre as ruivas cenoilas;
Num celeiro ladrilhado de sardônia
Tive tulhas de pedras raras:
Torquesas do Cairo e da Macedônia,
Diamantes frigidios, sem taras,
Peridotes, obsidianas,
Rubins de Dgiamshid, raiados de esínopla,
Sueiras, esmeraldas de Juba, cimófanas,
Rosiclères de Visapura, jacintos de Constantinopla.

— Os franceses levará-me
tudo: a adaga nuremberguesa,

a taça d'âmbar do
Egito, os rubis de Dgianschid
e as turquesas da
Macedônia. Para quando o
armistício, para quando?

Tive um parque cheio de lagos
E de cegonhas brancas, como litúrgicas pratas,
Povoado de aromas vagos,
De murmurâncias de cascatas,
E de figuras de basalto;
Onde, em tanque d'ágata, um hidro
D'ônix vomitava alto
Uma girandola de vidro;
E onde, soberbos como Núncios,
Com suas caudas d'ouro ardente,
Iam pavões, sob quincúncios
De rododendros, lentamente, lentamente, lentamente...

Agora o parque é triste,
a cascata calada, os lagos
secos: pelas ruas, por vezes,
penas soltas dos pavões,
que se foram para outros
parques.

Amores venais, concupiscências luciferinas:
Rute, a formosa bruna, e Basalisa, a loira,
Teodora, a ruiva como as tangerinas,
Mas, sobre todas: Basalisa, a loira...
Oh os seus olhos! suas unhas em amêndoa! e em cálix
O seu colo! e seus dedos de digitalis!
E quando, numa noite de fragrâncias,
(Lembrando isto todo o coração me doe!)
Forte enleei, após violentas relutâncias.
Suas ancas de Deusa em meus braços de Herói!

Mordoraram-se as apoteóticas
púrpuras da Luxúria: depois do Escarlate o
Branco. Agora sou casto
como um Cenobita.

Senhora dos Aflitos! que d'ora em diante Vos pertençam
Todos os meus instantes, meus cuidados e fervores,
Que Vossas Bentas Mãos, num gesto augusto, em benção,
Diáfanas, mimosas, como aprilinas flores,
Se cruzem, brandas, sobre os meus cabelos frios,
E me unjam com os Santos Óleos do Perdão!
Cometi barbaridades, desvarios.
Fui ambicioso, libidinoso, mau cristão...
Mas da Ignorância a era embolismal fanou-se,
E Vosso Olhar anunciativo, avelutado.
Alpendre dos friorentos, tagante, benéfica Fouce,
Em minh'alma segou a erva do Pecado!

E eis-me agora a Vossos Pés, a agradecer os Benefícios preciosos
Do Vosso Amor, Mãe do Amor! dos Tristes, dos Criminosos,
E a pedir-Vos, de joelhos, que apresseis
A Epifania dos Olhos-Reis,
Dos Olhos-Reis da que é cheirosa como o nardo,
Da muito amada Esposa, que ora aguardo,
Daquela, que hei de beijar somente com os olhos,
Daquela, que hei de tocar somente com a vista,
Companheira de meus jejuns e de meus passeios,
Nos quais Vos colheremos rosas de toucar e açucenas,
DA Bordadora, que há de enfeitar com finos entremeios
As toalhas dos Vossos Altares, para as místicas Novenas!

CERTA VOZ

Eu sou bela como as corvetas
E as florestas virgens, à tarde,
E a mirra, que, nas caçoletas
De Satsumá, untuosa arde.

Minhas mãos longas, familiares
Das simbólicas liturgias,
Exorcismam os maus Pesares
E as violáceas Melancolias.

Alma d'ouro de fino som.
Foge do mundo, fria Rússia,
E vem dormir sob o edredom
De meus olhares de pelúcia.

Vem ouvir os castos ditames
Desta minha boca solteira,
Cactus rubro, que tem por estames
Botões de flor de laranjeira;

Vem! subamos prestes, depressa,
A Torre de jaspe da Graça,
Onde mora, — branca Professora, —
A PRECE, toda em alva cassa.

Fujamos do mundo nefando,
Onde os Amores metafísicos,
Pobres Amores! vão murchando,
Como pálidos noivos tísicos;

Doeste mundo perverso e vão
Destes desertos glaciais,
Onde a sponsalícia união
De nossos corações leais,

Sob um céu de luto no qual
Agonias, Lúcios se amorfam,
Seria trágica, augural
Como o batizado dum órfão.

Vem! Que de Esperanças te adornes!
Vamos à ilha dos Licornes!

Subamos às Ilusões gratas
Num voo de nefelibatas!

Hosana! Glória a Deus
nas Alturas, a Deus que deu
vista a quem não via. E
nunca a Lua me pareceu
tão de prata!

Vejo duas noviças num quartel:
No azul epitalâmico, entre palmas,
Enlaçam-se em ditongo as Duas Almas,
Longe do Mundo bárbaro e cruel...
Dalmaticadas d'alvo brocatel,
Mitradas d'ouro, vão cruzando, calmas,
Ao som do ascior de ressonâncias almas,
Seus olhares num monograma fiel.
Da Cidade do Mal aumenta o estrépito
Numa rubra hemoptise o Sol decrépito,
Golfeja sangue pelo céu grisalho...
Turíbulo da Tarde, um lago fuma,
E, na sua assumpção, a Lua é uma
Branca Primeira-Comunhão num Talho...

Bárbaros: uma Voz de cetim
branco chamou por mim.
Todo vestido de linho, vou
para a Torre do Conceito
Puro. Fui o Fraco e o Negligente
e o Diamante de Golconda
engastado em zinco:
hoje sou o Beato e o Mago.
Não tenteis compreender-me:
não me compreenderíeis.
Fazei clangorar o
olfante das Paixões ruins.

Serei surdo. É vinda a
hora, muito esperada, do
Livramento.

Ó minhas mãos! formai um eletuário de aromas,
De espicinardo, de assadulcis, de vetiver e de sarcantus,
E ungi minh'alma para que ela surja, clara como os axiomas,
Redolente de aromáticas gomas.
Toda perfumada ante a Rainha de meus cantos...

O meu Coração é tímido e medroso! À porta,
Ó Lua! da Torre Branca, ó Lua pálida! conduze-o,
Lá onde a voz da Vida chega esvaída, quase morta.
Como a canção do mar num búzio...



DONA BRIOLANJA

*Complicadas decorações de legenda
velha mantelando o pudor dos
episódios simples.*

I

Dona Briolanja vai com suas aias
Sob as cor de mosto vesperais olaias.

Vai com suas aias, leva fino leque,
Cauda de veludo pálido, de Utrecht.

Leva broche aonde sangra uma espinela;
Pende-lhe da cinta sonora escarcela.

Cantam na escarcela nispas e sequins,
São de Ihama os seus rútilos chapins.

Leva anéis de cobre com aventurinas,

Brincos de sueiras, manto de agnelinas.

Dona Briolanja vai com suas aias
Sob as cor de mosto vesperais olaias.

II

Eis que chega à beira da cascata clara
Cuja água canta sonora, sem tara.

Ei-la que se assenta, cheia de torpor,
Entre as suas aias postas em redor.

Eis que diz a uma: *Meus chapins descalçamos,
Unge meus pés brancos com cheirosos bálsamos.*

E diz à segunda: *Vai, corre à cascata,
Enche de água viva meu copo de prata.*

E diz à terceira: *Dá-me, ó minha aia,
O meu alvo lenço, leve, de cambraia.*

*Vem os meus cabelos, prestes, desprendê-los,
Que um dourado pente morda meus cabelos.*

E diz para a quarta: *Trai-me o pesado
Meu anel de núpcias d'ouro martelado.*

Uma em cujo dedo brilha verde euclasia
Unge-a com dormentes bálsamos da Ásia.

Outra à sua boca virgem, granadina,
Chega argênteo copo d'água adamantina.

A terceira os belos, longos seus cabelos,
Põe-se a penteá-los, põe-se a desprende-los.

E a quarta em seu dedo branco e fuzelada

Põe o anel pesado d'ouro martelado.

III

O poente é ruivo, ruivo de laranja,
O poente é ruivo... Dona Briolanja,

Olhos no morrente sol congestionado,
Olha o seu futuro, lembra o seu passado.

Lembra os idos tempos, idos num momento,
Lembra o refeitório branco do convento,

Mais as tardes claras do Mês de Maria,
Mais o dormitório, mais a portaria.

Mais a cerca onde passeou travessa,
Mais as doces falas doces da Abadessa.

Lembra isto e pensa, coração em gala,
No fiel Eleito, que há de vir buscá-la,

No Leal e Gasto, no Imaculado,
Como o leite branco, como o mel dourado,

Cuja Alma pura, pura e consolante,
É uma Primeira linda Comungante,

Cuja Alma pura, plena de perfumes,
É um Lausperene de fulgentes lumes.

IV

Alvo como as alvas baptismas cambraias,
Dos astros o pólen polvilha as olaias.

E a Padeira-Noite põe-se a peneirar
Na peneira-Lua a farinha-Luar.

De repente, à beira da cascata clara,
Chega um Cavaleiro de beleza rara.

Traz espada e escudo, escudo e capacete
Com de brancas plumas branco martinete.

Traz guantes de ferro, guantes e gorjal,
Brigandina d'aço, traz lança e punhal.

— *Quem é o Ousado, que, por horas mortas,
A transpor se atreve minhas férreas portas?*

*Quem sois vós, dizei-o, que vindes assim
Tão ousadamente? que quereis de mim?*

*Quem sois vós, dizei-o! se é a minha mão
Que pedir me vindes, não vo-la dou, não.*

Quero conservá-la pura, como a neve.
Para o meu Esposo, que há de vir em breve.

*Ide-vos embora, meu Querer é Rei
Ide-vos embora, não vo-la darei...*

— *Empós os Invernós os dourados Dias,
Empo: as Esperas as Epifanias!*

*Dona Briolanja, flor de meu Cuidado,
Sou o vosso Esposo, sou o vosso Amado.*

*Venho de bem longe, trago os pés em sangue,
Venho quase morto, combalido e exangue.*

*A vossa procura, dormi aos relentos,
Atravessei rios, prados lamacentos.*

Sem desvelos calmos, sem mansos carinhos,

Piquei-me nas urzes duras dos caminhos.

*Dai-me que eu descanse, sob o luar sidério,
Em vossa Alma, brando, tépido agnístério!*

*Sou Leal e Casto, sou Imaculado,
Como o leite branco, como o mel dourado.*

*Fino grão dourado d'âmbar de Sabá,
Meu Amor honesto vos perfumará!*

*Dona Briolanja ouve atentamente
Sua linda boca, toda rescendente,*

*Abre-se num riso sem palavras, mudo,
Num sorriso mudo todo de veludo.*

*E com gesto ingênuo dá ao seu Amado
Seu anel de núpcias d'ouro martelado.*

V

*Os sinos despertam montanhas e vales,
Os músicos tangem trompas e atabales.*

*A Capela é toda, toda iluminada,
Toda atapetada, toda perfumada.*

*Ciriais de prata luzem sobre o Altar,
Turíbulos d'ouro dançam pelo ar.*

*No ar lento fumam gomas aromáticas,
Brilham as navetas, brilham as dalmáticas,*

*Brilham os lincúrios belos do cibório,
E no de brocado fofo faldistório,*

De brocado caro, que o lustre salitra,

Está o velho Bispo de báculo e mitra,
Todo de alvas rendas, todo de vermelhos,
Com o gremial posto nos joelhos.

Eis que alfim lá surge, gracilmente esbelta,
Cabelos em domo, fresca boca em delta,

Orelhas em concha, busto albirrosado,
Dona Briolanja com seu Noivo ao lado.

Vai de branco e pura como as brancas palas,
Frágil véu de rendas, peitoral de opalas.

Toda, toda branca, toda em seda branca.
Sua cauda é lácteo tanque que se estanca.

Vai ajoelhar-se o branco par noival
Num de rica lhama rico sitial.

Gemem os saltérios, gemem as violas,
Brilham as casulas, brilham as esteias.

Ciriais de prata luzem sobre o Altar
Turíbulos d'ouro dançam pelo ar,

E o Bispo, arrastando sua rubra capa,
Lança aos dois Esposos a benção do Papa.



LONGE DOS BÁRBAROS

*Foeda est in coitu et brevis voluptas
Et taedet Veneris statim peractae.*

(Petronius).

I - A POMBA DA ARCA

Fim das Discórdias, das Querelas.
Entram no porto claro as esperadas caravelas!

O Arco-íris fulgurou depois dos Lutos do Dilúvio,
O Hospital abandonado foi mudado em alva Creche...
O Hospital abandonado está mudado em alva Cheche,
O Arco-íris fulgurou depois dos Lutos do Dilúvio.

Com ramos verdes d'oliveira,
Que a minh'alma branca de leite,
Com ramos verdes d'oliveira,
Que a minh'alma branca se enfeite
Com ramos verdes d'oliveira.

Fora um reinado mau de Ignorância e Pecado.
Mas sobre o meu ferido peito, Deus louvado!
Brilhava ainda a prateada, a medalhinha benta,
Que ao meu pescoço dedos maternais haviam posto,
Antes da hora da Tormenta,
Antes da hora do Desgosto.
E o Filho-Prodigo voltou arrependido,
E o tresmalhado, o cordeiro perdido,
Voltou para o redil, depois de andar pelas charnecas áridas;
E as víridas cantaridas
Cessaram de voar sobre a valeriana,
E onde o rubim sangrava branquejou a cimófana,
E depois da Tourada houve Mês de Maria...
E est'alma que era, neste mundo sem abrigo.
Como noite nupcial em leito d'enfermaria,
Como um casamento na capela dum jazigo,
Est'alma viu surgir por fim a sua Gémea, a sua Eleita,
Sob um palio de luz, a amena Flor perfeita.
Lábios abertos num sorriso anunciativo.
Todo católico, de amor, e nada erótico,

E doce e pura, como um Serafim que um Primitivo
Iluminasse num Evangeliário gótico!

Graças Te dou, ó Mãe de Deus! ó Clemente!
Que pisaste com Teus Pés brancos a Serpente.
Graças Te dou e Te peço, ó Torre de Marfim,
Que protejas a minha Esposa e que me protejas a mim,
E a comunhão das nossas almas geminadas,
£ o comercio de nossas vontades paralelas;
E, agradecidos, do Teu Altar nas toalhas bordadas
Rosas esfolharemos e acenderemos velas.

E o nosso amor será todo honesto e sem beijos!
Será um jubileu de cândidos Desejos,
Amor cheio de paz eucarística,
Amor de Poeta doido, amor de Infanta mística,
Amor sereno, amor sem paroxismos,
Amor levado até aos mais leais bizantinismos.

E numa casa longe dos que mentem, dos Maus,
Onde não chegue a voz do irreligioso caos.
Longe dos Hereges, dos Perversos,
Lerei a Bíblia, e cantarei, em doces versos,
Tua divina formosura, teus encantos,
Os teus milagres e os milagres dos Santos;
E Ela, com suas mãos ogivais,
Bordará cruceignatos corporais.

II - A CISTERNA FIEL

As horas vesperais, em musicais teorias,
Tranças floridas com aromáticas ervas,
Rindo com bocas que eram harpas e peônias,
Vinham chegando, lentamente as lindas Servas,
As horas vesperais, em musicais teorias.

Às horas vesperais, entre o nevoeiro lácteo,
Vinham chegando em grácil ritmo lento e nobre;
E, a sorrir e a cantar, na cisterna do pátio,
Enchiam gracilmente, as ânforas de cobre,
As horas vesperais, entre o nevoeiro lácteo.

Para que enchiam suas ânforas as Servas?
Assim que as ânforas esguias eram cheias,
Logo as despejavam e enchiam e, entre as ervas,
A água da cisterna ia formando cheias...
Para que enchiam suas ânforas as Servas?

De mil constelações à luz discreta e flava,
Musselinas de névoa erravam pelas áleas...
Riam as Servas e cantavam... e soava
No mármore do chão o couro das sandálias...
De mil constelações à luz discreta e flava.

Doce, branca e fiel Rainha das Amadas,
Que afagaste com mãos d'arminho a minha Mágoa,
O mármore do chão é gasto das passadas,
Mas a cisterna tem ainda muita água,
Doce, branca e fiel Rainha das Amadas!

III - VASO DE ELEIÇÃO

Ó Senhora d'olhos castanhos,
Ó Cibório da minha ideia,
Ó divina estação de banhos
Onde a minh'alma veraneia,

Lá do fundo do meu Desterro,
Do meu miasmático paul.
Baile branco depois dum enterro,
Ouvi a tua voz azul.

Ouvi tua voz cristalina
Como um vinho astral de labrusca,
E, à luz da lua de platina,
Parti logo, vim logo em busca

Do teu amor, sonhada Meca
Redolente de frangipana,
Amor que do mal que me obceca
É guarita, alpendre e otomana.

Foragido dum mundo falso,
Onde estive em áspero exílio,
Todo cheio de pó, descalço,
Venho pedir o teu auxílio.

Meu peito débil e doente,
E minhas mágoas, purifique-as
O teu olhar, candil ardente,
Lucescente como as Relíquias.

Esta minha melancolia,
Ó Senhora núbil! dilui-a
Na crepuscular calmaria
De teus olhos, branca Aleluia.

Sê, ó Lis feudal mal aberto,
Ó alma e fina Alma terna,
A cisterna do meu deserto,
E a estrela azul desta cisterna.

E sê a cerca do hospital,
A cerca amiga, a cerca imensa.
Toda vírida e vesperal
Para a rainha convalescença.

Dá-me força no Sofrimento,
Meus doridos males abrangê-los,

Que a tua voz, cheiroso unguento.
Da minha tarde seja o Angelus!

Que o teu algente busto d'Hóstia
Se encoste branco nos meus ombros
Que essa láctea brancura d'Hóstia
Me revista como um Véu d'ombros.

Sê o vetiver e a escalônia,
O zimbro, o nardo, o ciclâmen,
E aromatiza-me *per omnia*
Soecula soeculorum. Amen.

IV - PELAS LANDES, À NOITE

Pelas landes e pelas dunas
Andam os magros como pregos,
Os lobos magros como pregos,
Pelas landes e pelas dunas.

Olhos de fósforo, esfaimados,
Numa pavorosa alcateia,
Andam, andam buscando ceia,
Olhos de fósforo, esfaimados.

Nas landes grandes, junto às dunas,
Um menino perdido anda,
Anda perdido, a chorar anda,
Nas landes, junto às brunas dunas.

Senhor Deus de Misericórdia,
Protegei o róseo menino,
Protegei o róseo menino,
Senhor Deus de Misericórdia,

Porque nas landes e nas dunas

Andam os magros como pregos.
Os lobos magros como pregos.
Nas grandes landes e nas dunas.

I - UM CACTO NO POLO

Julguei que se tinha levantado um obelisco místico
no meio da praça; e que o obelisco dava uma sombra
azul; e que tinham acendido um fogão no quarto
úmido; e que tinham dado alta ao doente.

Julguei que nascia o sol à meia-noite; e que uma
boca muda me falava; e que esfolhavam lírios sobre
o meu peito; e que havia uma novena ao pé do Jardim
d'Aclimação.

Uma boca muda me falou; mas o obelisco, de
tênue que era, não deu sombra; e o fogão não aqueceu
o quarto húmido; e o doente teve uma recaída.

E o *clown* entrou, folião, na Igreja; e fez jogos
malabares com os Cibórios e os Turíbulos; e tornou
a nevar; e, após os brandos etésios, soprou o mistral
forte.

E na alcova branca entrou a Dama expulsa, cujo
corpo é d'âmbar e cera e todo rescendente dum matrimónio
aromal de mirra e valeriana, a Dama dos
flexuosos e vertiginosos dedos rosados.

E seus cabelos de czarina eram claros como a estopa
e finos como as teias d'aranha; e seu ventre alvo, de
estéril, era todo azul, todo azul de tatuagens.

E a Educanda fugiu do Recolhimento; e com a
Dama expulsa passei a noite em branco; e a noite foi

toda escarlate.

E no dia seguinte, em vez dos sacros livros, que de ordinário me deleitam, li Schopenhauer, e achei Artur Schopenhauer setecentas vezes superior a todos os Doutores da Igreja.

VI - QUANDO A MORTE VIER

Quando a Morte vier,
Será por uma madrugada pálida...
Quando a Morte vier,
Quero que estejas junto de mim, medrosa e pálida,
Quando a Morte vier...
E serão bem comovidos nossos adeuses.
Quando a Morte vier,
E hei de dizer adeus aos teus olhos doridos como adeuses.
Quando a Morte vier;
E deitarão serradura de madeira à porta,
Quando a Morte vier,
Por causa dos carros que passarem à porta,
Quando a Morte vier;
E tu irás buscar as colchas de Damasco,
Quando a Morte vier,
E deitarás sobre o meu leito as rubras colchas de Damasco,
Quando a Morte vier
E os sinos graves hão de chamar à Extrema-unção,
Quando a Morte vier,
E o Padre há de vir dar-me a Extrema-unção,
Quando a Morte vier;
E o povo nas escadas cantará o Bendito,
Quando a Morte vier,
E hás de estremecer ao ouvir o Bendito,
Quando a Morte vier;
E a lamparina será branca ao pé dos frascos dos remédios.
Quando a Morte vier;

E o enfermeiro deixará de me afligir com mais remédios,
Quando a Morte vier;
E a minh'alma será toda confusa, ó meu Deus!
Quando a Morte vier,
Por se ver prestes a subir à morada de Deus,
Quando a Morte vier;
E o relógio da sala de jantar há de dar horas,
Quando a Morte vier,
E então estarão contadas minhas horas,
Quando a Morte vier;
E a minha cabeça descairá no travesseiro,
Quando a Morte vier,
E tu ajeitarás minha cabeça no travesseiro,
Quando a Morte vier,
E, vendo baços e parados os meus olhos,
Quando a Morte vier,
Compadecida, cerrarás meus baços olhos,
Quando a Morte vier
Duas Irmãs de Caridade hão de velar junto ao meu leito.
Quando a Morte vier,
E não te afastarás um só minuto do meu leito.
Quando a Morte vier
E como há de ser preciso um caixão para o meu cadáver.
Quando a Morte vier,
Um homem de negro virá medir o meu cadáver,
Quando a Morte vier;
E vestirão o meu quarto de trabalho todo de luto.
Quando a Morte vier;
E os criados andarão de preto e tu de pesado luto;;
Quando a Morte vier
E fecharão as portas das janelas,
Quando a Morte vier,
E a luz mal poderá entrar pelas físgas das janelas.
Quando a Morte vier
E teus olhos andarão, pobres olhos! todos pisados,
Quando a Morte vier,
E de quando em quando hão de umedecer-se teus olhos pisa

Quando a Morte vier;
E por toda a casa será um cheiro d'alfazema e fenol,
Quando a Morte vier,
E há de perturbar a tua pobre cabeça o cheiro do fenol,
Quando a Morte vier;
E toda a gente andar­á nos bicos dos pés.
Quando a Morte vier,
E será bem singular ver toda a gente nos bicos dos pés,
Quando a Morte vier;
E, sem corda, o relógio deixará de dar horas,
Quando a Morte vier;
E, decorridas vinte e quatro horas.
Quando a Morte vier,
Chegarão os Padres, em sobrepeliz, e o Prior,
Quando a Morte vier,
E será de veludo preto a estola do Prior,
Quando a Morte vier;
E tu que me tens visto tanta vez.
Quando a Morte vier,
Hás de querer ver-me ainda outra vez,
Quando a Morte vier;
E, enxugando as tuas lágrimas com o teu lenço,
Quando a Morte vier,
Cobrirás meu rosto de marfim velho com teu lenço,
Quando a Morte vier;
E depois hão de levar-me para a Igreja,
Quando a Morte vier,
E começarão os ofícios na Igreja,
Quando a Morte vier;
E após hão de levar-me ao cemitério,
Quando a Morte vier;
E, para ver o enterro do Poeta, o povo inundará o cemitério,
Quando a Morte vier;
E depois hão de abrir meu pesado caixão,
Quando a Morte vier,
E hão de encher de cal o meu caixão,
Quando a Morte vier;

E nessa noite não dormirás um segundo,
Quando a Morte vier,
E há de parecer-te um século cada segundo.
Quando a Morte vier;
E, por minha alma, mandarás dizer trezentas missas,
Quando a Morte vier,
E, não mais sairás a não ser para as missas,
Quando a Morte vier,
E ninguém tornará a ver teus mansos olhos,
Quando a Morte vier,
E nunca mais haverá alegria nos teus olhos.

VII - BALADA

Um hospício de velhas alienadas,
Sem cerca, sem Irmãs, sem enfermeiras;
Mortas de fome, as pobres desvairadas
Eram tão brancas como as travesseiras;
As jarras sobre o altar ermas de flores,
Ia já longe a última novena.
Crescia a erva pelos corredores...
Mas TU vieste sororal e amena.

Ninguém tratava as velhas doidas presas
Uma planeava rutilas viagens;
Outra, doida por luxos e riquezas,
Julgava ter castelo, manto e pajens;
Outra fantasiava sensuais
Requintes de luxúria; e a mais serena
Sonhava amores fieis, espirituais...
Mas TU vieste sororal e amena.

Um incêndio auroral como um poente
O hospício destruiu em fúria flava,
E das velhinhas escapou somente
A que em amores só leais pensava.

Mas em seu corpo quanta queimadela!
Queimados os cabelos, dava pena
Vê-la em meio das ruínas, pobre dela!
Mas TU vieste sororal e amena.

Princesa, a ti meus versos! Se, alva e esguia,
Não afrontasses, branca, as de verbena
Chamas, a pobre louca morreria...
Mas TU vieste sororal e amena.

VIII - EPÍLOGO

Não perpetuemos a Dor, sejamos castos,
Sejamos castos, duma castidade maga,
Tu como Inês, a santa de cabelos bastos,
Eu como o puro e honesto São Luiz Gonzaga.

A Pureza convém às almas como as nossas,
As mucosas só tentam as almas vulgares;
Rosácea mística o sorrir com que me adoças
Seja! e argênteo Pax-tecum sejam teus olhares.

Não são tuas gracilidades de pucela
Que me prendem. Do Archanjo o resplendente gladio
Decapitou a Luxuria que fere e gela:
O que eu adoro é teu coração de vanádio.

Em tempos mortos folheei velhos infólios
De Calepédia, infólios velhos, bem quiméricos;
Porém da Continência os puros Santos-Óleos
Ungiram-me, e, nos leais planaltos esotéricos,

Onde meu coração católico e monárquico
Ora vive distante dos perversos trilhos,
Sempre distante das Paixões do mundo anárquico
Peço a Deus Poderoso que nos não dê filhos.

Nossa vida de reclusos brancos alinde-a
O Lis: a Volúpia condenável alague-a
Dos Licornes o olhar! E que nunca da Índia
Tenhamos de mandar vir a PEDRA DA ÁGUIA.

Será lamentável não ver toda florida
De risos filiais a palmeira do amor;
Porem tu sabes, Casa d'Ouro! o que é a vida,
Sejamos castos, não perpetuemos a Dor.

Lascivas seduções, nunca mais me tenteis.
Vós que outrora do corpo meu rainhas éreis!
Virgo fidelis, que haja em teus Sorrisos-Reis
O perene frescor do Riso das Estéreis!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com